

TEIAS LINGUÍSTICAS: INFLUÊNCIAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA SOCIOLINGUÍSTICA

LINGUISTIC WEBS: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL INFLUENCES IN SOCIOLINGUISTIC

Luciana Oliveira Atanasio
IFMA/UFPB

Resumo: No século XX, os escritos Saussure estabeleceram as bases da Linguística Moderna, introduzindo perspectivas que focavam na homogeneidade linguística, central no Estruturalismo. Esse enfoque estruturalista se concentrava na ideia de que as línguas funcionam como sistemas estáveis e homogêneos. No entanto, com o tempo, surgiram novas abordagens que levaram a uma compreensão mais ampla da heterogeneidade e da variação linguística. Essas novas perspectivas, centradas no Funcionalismo, reconhecem que as línguas são dinâmicas e diversificadas, refletindo uma gama de variações e influências sociais. A partir disso buscou-se entender como a variação é socialmente regulada, contribuindo para a formação da Sociolinguística, principalmente a partir da década de 1960. Partindo desse contexto, o objetivo deste trabalho é apresentar a trajetória dos estudos linguísticos e destacar as principais contribuições para o desenvolvimento do campo da Sociolinguística baseando-se nas formulações de Eckert (2005, 2010, 2016, 2018) e Freitag (2016), entre outros. A análise histórica e teórica mostra que a Sociolinguística está relacionada à compreensão da língua como um fenômeno social, moldado pelas interações culturais. Esse trabalho analisa como o fato social, a variação linguística, a interação em comunidades de prática, e a estilística estão ligadas à construção das identidades sociais na perspectiva sociolinguística. Conclui-se que a Sociolinguística é um campo de estudo que reflete as demandas sociais, e a perspectiva de estudo em ondas proporciona a visão de sua evolução e traz reflexões sobre a interseção entre linguagem, identidade e sociedade.

Palavras-chave: Interação; Sociedade; Linguagem; Sociolinguística.

Abstract: In the 20th century, Ferdinand de Saussure's writings established the foundations of Modern Linguistics, introducing perspectives that focused on linguistic homogeneity, central to Structuralism. This structuralist approach concentrated on the idea that languages function as stable and homogeneous systems. However, over time, new approaches emerged that led to a broader understanding of linguistic heterogeneity and variation. These new perspectives, centered on Functionalism, recognize that languages are dynamic and diverse, reflecting a range of variations and social influences. Consequently, efforts were made to understand how variation is socially regulated, contributing to the development of Sociolinguistics, especially from the 1960s onward. Within this context, the aim of this paper is to present the trajectory of linguistic studies and highlight the main contributions to the development of the field of Sociolinguistics, drawing on the work of Eckert (2005, 2010, 2016, 2018) and Freitag (2016), among others. The historical and theoretical analysis shows that Sociolinguistics is related to the understanding of language as a social phenomenon, shaped by cultural interactions. This paper examines how social fact, linguistic variation, interaction in communities of practice, and stylistics are linked to the construction of social identities from a sociolinguistic perspective. It concludes that Sociolinguistics is a field of study that reflects social demands, and the wave model of study provides insight into its evolution and offers reflections on the intersection between language, identity, and society.

Keywords: Interaction; Society; Language; Sociolinguistics.

Submetido em 22 de setembro de 2024.

Aprovado em 20 de dezembro de 2024.

Introdução

Ao se analisar a história da linguística, vê-se que os estudos nessa área estão ligados aos percursos socioculturais e históricos de uma época. Nessa perspectiva, pode-se citar o exemplo da Torre de Babel como uma representação dos mistérios em torno da língua que estudiosos, ao longo do tempo, tentaram desvendar. A torre representa a história de um povo, que, de repente, deixa de se comunicar e de se entender, resultando em um caos que forçou aquela sociedade a reconfigurar sua relação com os outros e com a própria língua. As primeiras comprovações escritas sobre essa edificação de Babel remetem-se ao século VI a.C. Isso mostra que desde a organização dos primeiros povos e sociedades a língua foi objeto de estudo, de curiosidade, mesmo quando ainda as formas de conhecimento e de explicar os fatos e fenômenos eram vinculadas a mitos e crenças.

Os estudos da língua foram impulsionados, já no século XVIII, pelas contribuições de William Jones (1746-1794)¹ e Schlegel (1767-1845) que colaboraram para o desenvolvimento dos estudos comparatistas e históricos da língua, a partir dessa época as pesquisas evoluíram até chegar à Linguística Moderna no início do século XX, com destaque para os escritos de Saussure (1857-1913) como marco inicial dessa nova linguística. Daí os estudos linguísticos evoluíram, ramificaram-se e a linguística consolidou-se como ciência, possibilitando a discussão de temas até então não relacionados ou olvidados em estudos anteriores.

A partir dos debates e pesquisas da Linguística Moderna, que possibilitou as diversas maneiras de se ver e conceber a língua, surge a Sociolinguística na década de 1960, destacando-se inicialmente o trabalho de William Labov (1927-). Dessa forma, a Sociolinguística surgiu da necessidade de análise da relação existente entre língua, indivíduos e contexto social ligados às manifestações culturais e sociais, explicitando-se

¹ Como o texto estabelece uma cronologia dentro dos estudos linguísticos, optou-se por incluir a data de nascimento e/ou falecimento de alguns autores quando se achou necessário para se entender a linha temporal.

a interpretação das ações humanas na sociedade e seus produtos culturais (MUSSALIM, BENTES, 2008; COSTA, 2008; CALVET, 2009; BRANDÃO, 2011).

Destaca-se que a Sociolinguística é apresentada como o domínio dos estudos em linguagem que analisa os significados sociais presentes na variação linguística. A ideia de homogeneidade da língua, que estava contida no Estruturalismo, deu lugar à heterogeneidade, assim, esse campo de pesquisa se abriu a desvendar como a heterogeneidade - ou seja, a variação - se organiza, tendo como principal objetivo compreender de que modo essa variação é regulada (BELINE, 2003).

Esses estudos ganharam força com o Funcionalismo em linguística e que se desenvolveu com mais amplitude depois da primeira metade do século XX, que se opunha ao Estruturalismo, a partir da influência de pressupostos filosóficos e sociológicos como a Teoria da Ação Social, de Weber (1864–1920); a Fenomenologia, de Husserl (1859–1938), e a Teoria da Comunicação de Wittgenstein (1889–1951). Esse movimento trouxe uma nova perspectiva aos estudos da língua ao focar em seu uso e função nos grupos sociais.

Partindo dessas colocações, de acordo com Costa (2008), a língua se organiza e se estrutura em cada grupo de falantes de acordo com as características histórico-culturais, dentro de um contexto social. A variação está presente em cada comunidade de fala, com suas características de interação tanto culturais quanto linguísticas.

Conforme Hora (2011), é fácil perceber a variação do modo de falar em qualquer pessoa, pois da diversidade humana advém a diversidade linguística, já que as línguas são em sua essência variáveis e determinadas por fatores sociais e estruturais. Além do que a interação e a convivência em diferentes grupos e comunidades fazem com que se incorporem à fala aspectos de variação e mudanças desses mesmos grupos e comunidades.

A língua como fato social é objeto de estudo também da sociolinguística, que deve ser considerado a partir da observância da realidade social de um grupo ou comunidade. Calvet (1942-) explica que os usos e mudanças linguísticas estão ligados às práticas sociais e à possibilidade de o indivíduo intervir em sua realidade de maneira crítica e subjetiva; uma vez que a língua demarca espaço e mostra mudanças. Esse conjunto de ações faz com que não se veja a língua de forma mecânica, mas através de um grupo de atitudes que influenciam o comportamento linguístico (CALVET, 2009).

Partindo dos apontamentos apresentados, esse artigo objetiva apresentar a evolução nos estudos em linguística e algumas das contribuições pertinentes para a construção do campo de pesquisa da Sociolinguística de seus primórdios às vinculações teóricas atuais através da apresentação dos conceitos que contribuem para tais estudos, e os apontamentos entremeados de conceitos relacionados às possibilidades metodológicas desse campo de estudo. Assim, no primeiro momento apresenta-se alguns destaques nos estudos linguísticos iniciais e a contribuição do conceito de fato social para a composição da sociolinguística. Em seguida, aponta-se o percurso da sociolinguística no século XX e, posteriormente, mostra-se algumas das perspectivas mais recentes desses estudos.

1. O fato social na Sociolinguística

A Linguística Moderna se constitui dos estudos sincrônicos praticados a partir do século XX, em oposição aos estudos histórico-comparativos que os precederam. O Curso de Linguística Geral- CGL, de Saussure, deu as considerações efetivas para se construir uma ciência sincrônica. As ideias saussurianas trouxeram novas perspectivas sobre a língua ao se afastarem do enfoque histórico-comparatista tradicional, concentrando-se na análise da língua como um sistema autônomo e descritivo.

Retomando a evolução dos estudos linguísticos, os primeiros escritos que se destacaram na área foram de William Jones, ainda no século XVIII. A partir de suas ideias, desenvolveram-se estudos adicionais que ganharam relevância, inicialmente sob a influência do Romantismo e, conseguinte, do Naturalismo. Utilizando o método comparativo, esses estudos buscavam estabelecer relações de parentesco entre línguas por meio da comparação de suas composições. Esse método ganhou destaque e relevância com Friedrich Schlegel, mas foi com Franz Bopp (1791-1867), considerado o fundador da Linguística Comparada, que os estudos comparatistas se expandiram significativamente.

Posteriormente, Schleicher (1821-1868), por meio de seus estudos de gramática comparada, lançou as bases para os estudos em Linguística Histórica, focando na evolução das línguas ao longo do tempo. Esse estudioso, influenciado pelo evolucionismo darwiniano, propôs que a linguística fosse vista de maneira semelhante a qualquer organismo vivo. Para ele, a língua era como uma planta que nasce, cresce e morre, seguindo leis físicas. Dessa forma, Schleicher sugeria que a linguística deveria ser

considerada parte das ciências naturais. No entanto, essa abordagem afastava a linguística das esferas social e cultural

Em 1878, Hermann Osthoff (1847-1909) e Karl Brugmann (1849-1919) publicaram em uma revista um escrito tido como o manifesto neogramático, neste criticavam essa concepção naturalista da língua. Os neogramáticos se caracterizaram por questionar os pressupostos tradicionais da prática histórico-comparativa e estabeleceram uma orientação metodológica diferente e um conjunto de postulados teóricos para a interpretação da mudança linguística (FARACO, 2005). Enquanto comparatistas tradicionais eram fortemente influenciados pelo darwinismo, os neogramáticos arrojaram suas pesquisas nos princípios positivistas da hipótese, dedução, método e indução, impondo, segundo o próprio movimento, mais cientificidade ao estudo da língua.

Nesse período Hermann Paul (1846-1921) produziu um manual neogramático² que se tornou referência para a formação de linguistas nas primeiras décadas do século XX, nele se propôs o estudo da língua de modo evolutivo. Para esse estudioso os princípios fundamentais das mudanças linguísticas, que são originadas nos processos de aquisição, deveriam ser buscados como determinantes dos objetos culturais como a língua.

No final do século XIX, Whitney (1827-1894), que também era neogramático, descreveu a linguagem como um fato social, mostrando-a como parte integrante da sociedade, em vez de pertencer apenas ao indivíduo. Ele é considerado o primeiro a definir características dos fatos sociais na língua, ainda que tenha utilizado apenas o termo *instituição social* para descrevê-los, conforme apontado por Marra e Milani (2013). Whitney (2010) apresenta em sua obra a língua como parte da sociedade sendo adaptada pelos indivíduos às suas necessidades. Para ele, a linguagem é algo próprio e natural, enquanto a língua é um fenômeno social e histórico.

Ao cotejar os estudos da língua, vinculados a aspectos sociais, Whitney (2010) se ancora na definição de fato social proposta por Durkheim (1858-1917). Em Durkheim tem-se a sistematização dos estudos da Sociologia, que mudou a maneira de se ver e conceber a vida em sociedade. A Sociologia surgiu com Comte (1798- 1857), em sua teoria positivista, na primeira metade do século XIX, mas foi com Durkheim que se alçou

² Em alemão *Prinzipien der Sprachgeschichte* e em português *Princípios de História da Linguagem*. Publicado pela primeira vez em 1880 aborda os princípios teóricos da mudança linguística, enfatizando a regularidade das mudanças fonéticas e a importância de fatores psicológicos e sociais na evolução das línguas.

ao status de ciência, através da configuração do chamado Método Sociológico, baseado na observação dos fatos sociais.

O fato social, conforme Durkheim (2004), é todo modo de produzir coerção sobre o indivíduo, é tudo aquilo que é concebido na sociedade e que se relaciona com um grupo social. Destaca-se a ideia do autor de que o fato social acontece fora do sujeito e desempenha uma força coercitiva sobre os indivíduos. Isso se percebe no comportamento, nos valores, crenças e práticas de cada ser. Nota-se que esses componentes sociais existiam antes do indivíduo nascer, assim, com o desenvolvimento biológico do ser humano, vai-se aprendendo com a comunidade as regras sociais, assim como se aprende também a língua.

Ao explicar sobre o que é fato social, Durkheim (2004) exemplifica-o citando o devoto, que ao nascer já encontra sua crença e prática religiosa prontas, da mesma maneira o dinheiro que se usa para pagar as dívidas, as práticas de uma determinada profissão, os sinais utilizados para a comunicação humana, todos eles são exteriores ao indivíduo e já estavam prontos antes do indivíduo nascer. Assim, os fatos sociais são maneiras de agir, pensar e sentir exteriores à consciência individual e aos quais o indivíduo tem que se adaptar.

Essas condutas, além de serem exteriores ao indivíduo, exercem um poder imperativo e coercitivo. O poder coercitivo pode ser direto ou indireto, e age sobre todos os indivíduos de tal forma que mesmo quando alguém vai contra algum desses fatos, a tendência é de adaptação às normas de um grupo social. O fato social é validado e não pode ser mudado ou transformado pela ação individual, pois o que o molda é a força exterior, a consciência coletiva da sociedade (DURKHEIM, 2004).

A proposição de Durkheim foi isolar o fato social para se poder estudá-lo, assim, esse pensador fez algumas considerações importantes sobre a abordagem do fato social: primeiro, os fatos sociais devem ser vistos como coisas; segundo, deve haver um distanciamento entre o pesquisador e o objeto de estudo, de modo que o pesquisador mantenha a maior objetividade possível; e, por fim, é necessário definir previamente o que será estudado (DURKHEIM, 2004). Esses apontamentos ajudaram a desenvolver metodologias em outras ciências, incluindo a Linguística, que se utilizou de alguns pressupostos durkheimianos, mesmo que refutando-os em alguns pontos, para seu desenvolvimento.

Para compreender o lugar da língua nos fatos da linguagem é necessário entender o fato social dá ao se relacionar o ato individual como embrião da linguagem. Saussure apresenta a fala como “sempre individual, e dela o indivíduo é sempre senhor” (SAUSSURE, 2006, p.21). Já a língua é depositada nos indivíduos de uma mesma comunidade pela prática da fala, e não aparece completa em nenhum indivíduo pois é somente na massa, na coletividade, que ela existe de modo completo.

Meillet (1866-1936) pode ter sido o primeiro estudioso a utilizar o termo *fato social* no campo da linguística, inspirado em Durkheim, mesmo com suas abordagens apresentando diferenças importantes. Para o pai da sociologia a língua é um fato social coletivo, externa e coercitivo; já para Meillet (1992), a língua é um fato social relevante para a formação e definição do grupo social, algo que emerge e se desenvolve a partir da interação social. Em sua visão, a língua não é apenas uma imposição externa, mas é moldada pelas práticas e necessidades comunicativas dos membros de uma comunidade.

Para Meillet, a linguagem é fundamental para a existência da vida em comunidade, o que o leva a afirmar que ela não é uma capacidade inata do ser humano (MARRA; MILANI, 2013). Labov, reconhecido como o consolidador da sociolinguística, observa que Meillet foi um dos primeiros a estabelecer uma conexão entre língua e sociedade, ressaltando que as mudanças linguísticas devem ser compreendidas a partir da análise de comunidades de fala específicas.

Labov (2006) se aprofundou nas ideias de Meillet e explicou que a língua é um fato social que se realiza nas interações sociais, assim, a língua faz parte da construção da identidade social. Existem fatores e variáveis sociais, como a escolaridade, idade, gênero e raça que estão presentes na língua e incidem na visão do indivíduo em um grupo social.

Saussure nos escritos que fazem parte de seu *Cours de Linguistique Générale-CGL*, publicado postumamente em 1916, cita Whitney ao tecer considerações da língua como fato social. O CGL foi fundamental para a afirmação da linguística como ciência ao se ter um objeto de estudo definido. O mestre genebrino apresenta a *langue* como objeto da linguística, sendo duplamente definida: como fato social, que é exterior ao indivíduo; e como um sistema que está no interior, no cérebro/mente do indivíduo. Sendo que tais conceitos não se autoexcluem, fazendo com que nessa definição saussuriana possa-se ter o ator social como agente consciente e dotado de vontade (MARRA; MILANI, 2013).

Faraco (2005) afirma que Saussure em sua primeira tese distinguiu língua e fala, sendo esta a mais famosa oposição/dicotomia desse estudioso. Muito provavelmente nenhuma outra escola linguística antes de Saussure tenha afirmado com precisão a separação entre a dimensão social (língua) e a dimensão individual (fala) do funcionamento da linguagem. Meillet, que foi aluno de Saussure, definiu que a língua como fato social deveria ser estudada no seu contexto social, observando-se a estrutura para explicar as variações e mudanças na língua. (MARRA; MILANI, 2013). Para Meillet (1992), a história da língua não se separa dos aspectos culturais da sociedade, essa proposição é retomada por Labov (2006) ao explicar que Meillet lançou as bases para a sociolinguística. O autor também se utiliza da proposição de ator social, também de Meillet, definido como o indivíduo que se apropria da língua para se relacionar na sociedade. Esse ator é um agente ativo que influencia as mudanças linguísticas a partir de sua formação social.

2. Sociolinguística: conceitos e campos de estudo

Labov consolidou a sociolinguística como um campo de estudo que relaciona a língua aos aspectos sociais e culturais de um grupo ou comunidade. Ele fez isso ao contestar a metodologia do estruturalismo (LABOV, 2006, 2008), que analisa a língua como um sistema formal e autônomo, sem considerar seu contexto social e histórico. O enfoque das análises estruturalistas está voltado de maneira objetiva para a significação e organização da língua, desconsiderando as variáveis sociais e seus fatores

Essa crítica de Labov a Saussure nem sempre é aceita quando se analisa que o CGL não foi compilado pelo próprio genebrino, mas por alguns de seus alunos (Bally e Sechehaye), assim, eles escolheram o que deveria compor a obra, deixando muitas contribuições de Saussure de fora. Inclusive há críticas quanto à visão de fato social, se realmente o estudioso adotou a relação entre língua e fala. É o que apresenta Rastier (1945-) ao tecer considerações sobre as obras de Saussure. O autor mostra que um dos equívocos constantes é considerar que Saussure focou seus estudos linguísticos apenas no seu aspecto interno, estruturalista e sincrônico, sem se importar com os sujeitos e sua história; no entanto há textos que ficaram de fora do CGL que mostram um Saussure debruçado sobre a identidade linguística, é o que se observa nos estudos saussurianos dos anagramas, que foram publicados apenas nos anos de 1960 (RASTIER, 2014).

Não se nega a importância do CGL, mas se abre questionamentos para o não dito pelo autor, uma vez que pode ser captado em outros textos dele. O CGL por sua proposta de sistematização e definição de um objeto para a linguística, repercutiu não somente dentro do campo da linguística, mas chegou a outras ciências com apontamentos que confluem, se ajustam ou refutam as proposições apresentadas. É o que fez Labov ao apontar as proximidades e afastamentos da sociolinguística em relação aos escritos saussurianos.

Além de Saussure, diversos outros autores foram relevantes para a estruturação da sociolinguística iniciada por Labov. Bakhtin (1895-1975) trouxe a noção de comunicação social, destacando a importância da interação verbal na construção de significados. Jakobson (1896-1982) focou nos aspectos funcionais da linguagem, abordando como ela desempenha diferentes papéis comunicativos. Cohen (1884-1974) analisou os fenômenos linguísticos dentro de contextos sociais específicos, oferecendo uma perspectiva sobre a interação entre linguagem e sociedade. Por sua vez, Benveniste (1902-1976) explicou como a língua reflete e interpreta a sociedade, ampliando a compreensão da relação entre linguagem e estruturas sociais.

Com a evolução e ampliação dos estudos da sociolinguística variacionista de Labov, outras teorias e possibilidades de pesquisa foram agregadas. A ideia apresentada aqui não é de teorias, ou fases que se opunham, mas que se completam ao se entender que os estudos sociolinguísticos têm como base os pressupostos labovianos. Após os estudos iniciais de Labov ampliaram-se e surgiram outros, juntando-se a esses as novas metodologias e novas teorias.

Alguns ramos de estudo da sociolinguística tiveram relevantes contribuições teóricas, é o caso da Sociolinguística Interacional ou Etnográfica, que se desenvolveu-se a partir de 1970, tendo como principal nome Gumperz (1922 - 2013), além dos trabalhos de Dell Hymes (1927-2009) e Goffman (1922-1982). Esse ramo da sociolinguística se atém aos estudos da língua que além da variação linguística se detém às relações dos falantes em seus papéis e identidades sociais. A sociolinguística interacional emprega métodos qualitativos e interpretativos para explicar a prática comunicativa, focando não apenas na variação linguística, mas também nas convenções de contextualização. Segundo Gumperz (2002), essas convenções incluem pistas linguísticas como a escolha do registro e aspectos prosódicos como a entonação, além de elementos paralinguísticos como pausas ou hesitações. Na análise linguística, considera-se não apenas o código

utilizado, mas também a intenção do falante, reconhecendo a importância dos contextos e das nuances comunicativas na interpretação da linguagem.

Outro ramo de estudos dessa corrente é a Sociolinguística Educacional que surgiu do trabalho de diversos pesquisadores interessados em relacionar a variação linguística e os estudos da língua materna com relações de poder, classe social, identidade e educação escolarizada. Este campo investiga como essas dimensões sociais influenciam e são influenciadas pelos contextos educacionais, destacando as complexas interações entre linguagem e estruturas sociais na formação e experiência educacional. Dentre seus estudiosos está o sociólogo Basil Bernstein (1924-2000), e Pierre Bourdieu (1930-2002); e entre os linguistas se destacam Bortoni-Ricardo (1945-), Brian Street (1943-2017) e Paul Gee (1948-). As contribuições desses pesquisadores, embora sejam distintas em termos de metodologia e enfoque, não se excluem mutuamente. A divisão existente entre os diferentes ramos da sociolinguística visa compreender melhor o percurso metodológico, as contribuições teóricas e os campos de atuação. Inclusive Eckert (1942-) afirma que as divisões da sociolinguística não se separam na prática; e as metodologias de uma linha teórica se aliam a outras na sistematização dos estudos sociolinguísticos. Para explicar esse processo, Eckert (2016a, 2018) faz uma classificação chamada de ondas ou fases da pesquisa em sociolinguística.

Assim, se apresenta a perspectiva de análise sociolinguística em níveis macro e micro. No nível macro se destaca a sociolinguística variacionista de Labov, que relaciona os processos de mudança e estabelece generalizações e padrões a partir dos estudos de grupos e instituições sociais. Já no nível micro, que enquadra a teoria social, evidenciando-se a interação na perspectiva da possibilidade de análise tanto de variação quanto de traços paralinguísticos, incluindo nesta os estudos interacionais e de estilo.

A partir desses níveis, identificam-se duas fases distintas na pesquisa sociolinguística, conforme descrito por Eckert (2016a). Na primeira fase, conhecida como Teoria da Variação e Mudança, o objetivo é relacionar as variáveis linguísticas com categorias macrosociológicas, como classe socioeconômica, sexo, etnia e idade. Na segunda fase, houve uma integração dos métodos utilizados anteriormente com a etnografia. Essa abordagem etnográfica permitiu um maior enfoque na interação dos indivíduos dentro dos grupos sociais aos quais pertencem, explorando as categorias locais e contextuais. Eckert (2016a) exemplifica essa fase com os trabalhos de Lesley Milroy

(1944-) sobre linguagem e redes sociais na década de 1980, que se basearam nas proposições de Gumperz sobre a interação social.

A terceira fase, proposta por Eckert (2016a, 2018), se baseia na perspectiva da variação como parte de um sistema semiótico e social amplo, adquirindo significados específicos através dos *estilos* empregados e capaz de expressar todo o leque de preocupações sociais de uma comunidade. Como essas preocupações estão sempre mudando, as variáveis também mudam e não podem ser fixadas como marcadoras de significados únicos ou consensuais.

Para compreender o significado social da variação, Eckert (2016a, 2016b, 2018) sugere que o foco deve estar na construção de estilos e na possibilidade de análise da prática estilística apontando como as variáveis contêm significados específicos conforme seu uso nas interações sociais. Essas análises são feitas a partir das comunidades de prática, que conforme Eckert e McConnell-Ginet (2010) se constituem como grupos de indivíduos unidos em torno de um objetivo comum. Eckert (2016a) argumenta que a mais relevante mudança teórica nessa terceira onda, ou sociolinguística estilística, é o prisma da variação como resultado de uma prática da língua em que os indivíduos constroem sua identidade através da prática estilística, da escolha de estilo na variação.

Ao fazer um panorama dos estudos sociolinguísticos, Eckert (2008) aponta que a primeira onda se atém às variedades linguísticas como demarcadora do status social dos indivíduos ao relacioná-las às categorias socioeconômicas, o foco se volta para a descrição das estruturas, e assim as análises são quantitativas. Freitag (2016), a partir do que diz Eckert, destaca as classificações dessas categorias como faixa etária, sexo, etnia, escolaridade, por exemplo. A segunda onda se volta à análise etnográfica, nessa perspectiva, quem faz a pesquisa se insere na comunidade por um período para descobrir a relevância das categorias de análise na prática social, a etnografia permite uma análise qualitativa através da observação do participante para se relacionar as categorias às variáveis estudadas nas comunidades de fala.

Eckert (2016a, 2016b, 2018) afirma que tanto a primeira, como a segunda onda, se volta para categorias estáticas, mesmo que os estudos etnográficos tenham dado espaço a aspectos estilísticos, não houve o aprofundamento entre variáveis e categorias sociais. Já a terceira onda propõe a variação como reflexo das identidades sociais, de como os falantes se posicionam na paisagem social (ECKERT, 2016a) através da prática estilística à proporção que fazem movimentos sociosemióticos, reinterpretando variáveis, fazendo

novas combinações e atuando nas mudanças, na autoconstrução e diferenciação linguísticas. Eckert (2016a) estabelece que na Sociolinguística Estilística há uma relação estreita entre o uso da linguagem e os movimentos sociais que suscitam novas categorias e novos significados. Assim, esses estudos agregam a dinâmica da estrutura social e as relações de poder existentes nela, a variação deixa de ser somente marcador de lugar e se torna base para a construção do significado social.

3. Sociolinguística, estilo e identidade

Durkheim (2004) ao tratar sobre o fato social defende que o indivíduo não muda as estruturas pois o ser humano é vítima da ideia de que pode de alguma forma modificar a sociedade, o seu grupo, o seu espaço de vivência, uma vez que não se tem como lutar e vencer a coesão social. Assim, o processo é de adaptação e assimilação sob a ordem existente. No entanto, a partir do momento em que os estudos passaram a ver o indivíduo como agente de mudança, as pesquisas em relação à sociedade e em relação à língua como fato social, reconfiguraram as formas de analisar os fatores linguísticos.

Weber (2004) critica Durkheim por sua abordagem objetiva do estudo da sociedade, argumentando que a análise das interações individuais e subjetivas também é essencial para compreender o funcionamento social. É necessário se entender que Weber foca na relação e diferença entre ser ator e agente social, mas essa diferença não será discutida nesse trabalho, e se seguirá a proposta de colocá-los como sinônimos, como faz Touraine (1925-). Assim, no fato social, o indivíduo, o ator social, é o agente e tem seus aspectos subjetivos e individuais ressaltados. E essa proposta é uma das premissas da sociolinguística que destaca o estilo como relevante nas análises.

A terceira onda, a sociolinguística estilística, leva essa proposição do agente social como pressuposto para explicar que as escolhas de estilo partem do fator individual, para o falante usá-lo conscientemente e propositadamente, como marca linguística de pertencimento, engajamento, reconhecimento e afirmação.

Touraine (2006) apresenta que a ação coletiva e a participação individual dos atores sociais são necessárias para a compreensão da sociedade. Segundo ele, os atores sociais têm a capacidade de agir e influenciar seu ambiente social, transformando, modificando, criando e mantendo relações sociais por meio da coletividade. Esses atores são ativos, e não seres que estão presos numa cadeia estrutural da qual não se tem noção e nem dimensão, pois é um ser dotado de vontade, se movimentando através do que se

chama de rede/teia de atores. Assim como também propõe Giddens (1938-), que também discute a interação entre os indivíduos e as estruturas sociais.

Goffman (2011) contribuiu para a sociolinguística interacionista ao destacar que os atores sociais desempenham seus papéis de acordo com o público, a situação, o local e outros fatores sociais, seguindo as normas socioculturais estabelecidas. Para Goffman, o ator social ajusta sua maneira de se apresentar conforme o contexto de interação. De maneira similar, Giddens (2003) desenvolveu uma teoria sobre a estrutura social que enfatiza que os agentes sociais são moldados pelas estruturas, mas também possuem a capacidade de produzir e reproduzir essas estruturas através de suas ações. Dessa maneira, a linguagem é concebida como um mecanismo relevante à ação social, pois é por meio dela que o ator compartilha significados e realiza ações.

Eckert e McConnell-Ginet (2010) apresentam a proposição de que os atores sociais compõem suas identidades nas comunidades de prática de acordo com a linguagem, e destaca que o ator social através do uso do estilo na variação constrói e demonstra suas identidades sociais. A linguagem serve tanto para manter quanto para resistir às desigualdades sociais. Assim, nessa terceira onda, a variação além de refletir, passa a construir os significados sociais, e conforme Eckert (2016a, 2018) essa proposta de estudo foca nos padrões de variação usados pelos indivíduos nas diversas comunidades de prática. A partir do momento em que o ser tem consciência de seu papel social ele pode se mover nas estruturas, pode se reconhecer como agente capaz de se movimentar e atuar no construto social.

A sociolinguística, conforme Calvet (2009), é uma ciência não somente por sua possibilidade de explicar a linguística relacionada a aspectos sociais, mas por sua ampla aplicação. Daí define-se que essa está ligada às outras áreas de manifestação cultural e social, interpretando as manifestações linguístico-culturais e dando lugar à multiplicidade das práticas sociais através da linguagem. Partindo desse apontamento, a sociolinguística ligada à estilística tem o indivíduo fazendo parte dessas práticas sociais, sendo ele agente que se utiliza das variedades, da sua possibilidade de construção, atuação e mudança em várias comunidades de prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010).

Nessa ótica de estudos há a necessidade de se relacionar categorias mais abstratas e ligadas às vivências dos falantes, estudos que combinam a metodologia quantitativa com a dimensão mais cotidiana e qualitativa. Nisso, a prática estilística destaca a maneira como o falante se utiliza da variedade para construir maneiras distintas de interação para

construção da identidade. Para captar a variação a partir desse pressuposto teórico, é importante observar as práticas sociais dos falantes não em comunidades de fala, como muito se utilizou nas fases anteriores, o foco muda, a observação passa a ser na perspectiva das comunidades de prática (ECKERT, WENGER, 2005; WENGER, 1998, ECKERT, 2016a).

Labov (2004), define uma comunidade de fala sendo aquela em que os falantes compartilham as mesmas normas e posicionamentos sobre a língua utilizada, pois todos que dela fazem parte têm a mesma atitude e posicionamento sobre as normas linguísticas, dentro de uma demarcação geográfica ou populacional. Já as comunidades de prática são as de pessoas que se unem em torno de um objetivo em comum através do engajamento (ECKERT; WENGER 2005; WENGER, 2010). As pessoas dessas comunidades têm pontos em comum, como, por exemplo, os modos de fazer, de falar, crenças, valores e relações de poder. Todos esses aspectos se revertem em práticas que diferem essas comunidades de uma comunidade tradicional, necessariamente porque aquela é definida pela atuação de seus membros; já a comunidade de prática constitui-se de uma estrutura de poder, de construção de identidade e de pertencimento. Na esteira do engajamento, a comunidade de prática envolve a ideia de compartilhamento não necessariamente de regras linguísticas, mas da relação das pessoas com o mundo pela prática estilística na qual os indivíduos são concebidos como ativos, produtivos e atores sociais.

A ideia apresentada de ator social na sociolinguística, aliada ao estilo, é de alguém que se enquadra na perspectiva de Touraine (2006). De acordo com ele, um ator social é alguém engajado e vinculado às demandas que se relacionam a sua identidade, à sua existência e às atitudes de mudança e manutenção na sociedade. Assim, o estilo tem viés ideológico, e a forma estilística das realizações linguísticas faz parte da significação e das ações desses atores.

Wenger (1998) explica que o indivíduo, em uma comunidade de prática, aprende como se engajar em ações diversas, e como interagir e trabalhar juntos por um propósito em comum. Esse processo compreende também a construção de identidades, pois o indivíduo se percebe em suas trajetórias na comunidade. Assim, a comunidade de prática é um campo de trajetórias não só para contemplação, mas para engajamento. A ideia é que haja a mudança do foco dos estudos das estruturas linguísticas que predominaram na primeira fase, para os estudos que se voltem para as práticas e valores de uma comunidade (ECKERT, 2016a).

Nesses estudos, a pesquisa sociolinguística vinculada ao estilo, se dá a partir das comunidades de prática, que podem ser constituídas por pessoas que trabalham juntas, pela família, por religiosos, companheiros de brincadeira, parceiros policiais, grupos minorizados etc. Essas comunidades podem ser grandes ou pequenas; amplas ou restritas; elas podem nascer e morrer; se transformar; sobreviver às mudanças de membros; e podem se ligar a outras comunidades. Nota-se que seus membros podem participar de outras comunidades de prática, daí a identidade individual dos membros agentes que vinculam uma variedade linguística às diversas maneiras de participação em diferentes comunidades. (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010).

Wenger (1998) argumenta que existe uma conexão profunda entre identidade e prática, pois o desenvolvimento de uma prática reivindica participantes de uma comunidade que reconheçam uns aos outros através de ações, no sentido de que, a formação de uma comunidade de prática é também a negociação e consonância de identidades. A identidade na prática é definida socialmente, não somente pela corporificação de si mesmo e dos outros em um discurso ou categorial social, mas pela experiência vivida na participação nessas comunidades.

A estrutura de poder de uma comunidade de prática e sua gestão de competências são incluídas em um agrupamento de identidades com estruturas diversas. O processo de construção de identidades faz com que os falantes criem seus próprios estilos, e optem por determinadas variedades linguísticas em suas práticas (Eckert; McConnell-Ginet, 2010)

Nas diversas comunidades de prática, as escolhas linguísticas são a evidência do fato social dando possibilidade do indivíduo ser agente de mudanças da língua. Partindo disso, se destacam também grupos específicos que se utilizam da linguagem como lugar de afirmação, de demarcação de território, de construção de identidades, de lutas sociais, de posicionamentos políticos, entre outras possibilidades. Diferente das comunidades de fala nas quais os falantes compartilham as mesmas regras quanto à língua, mesmo que não as usem; nas comunidades de práticas, o estilo, o uso da variedade se tornam lugar do *ethos*, num sentido amplo, porque ali há o reconhecimento do ser, uma construção social.

Lave e Wenger (1991) afirmam que em uma comunidade de prática seus membros se unem por três pontos: engajamento mútuo, empreendimento e repertório. Os autores explicitam que o engajamento está relacionado à ideia de pertencimento à comunidade; o

empreendimento, mesmo que de forma paradoxal está vinculado às várias motivações e à responsabilidade compartilhada entre os membros da comunidade, liga-se à proposição; e o repertório, que se refere à reificação que envolve o compartilhamento de significados e experiências entre os integrantes, consolidando assim o conhecimento coletivo da comunidade.

Assim, os membros de uma comunidade se identifica não por um esforço nesse processo, mas pelas vinculações estabelecidas com a prática que é um movimento não mensurável e nem limitado no escopo de uma comunidade, pois esse processo é flutuante, não os membros, mas os processos que ocorrem: novos, repetidos ou modificados em cada situação de interação. Wenger (1998) diz que os indivíduos têm noção do que é estar e ser no mundo não apenas por suas ações, atos ou pelo que diz, mas isso se dá num processo a partir dos efeitos que são causados por cada ser, do desenvolvimento das relações com os outros, são camadas que se acumulam para se produzir identidades como um entrelaçamento complexo da experiência participativa e das projeções reificadas. Da mesma maneira que um significado se constrói, a identidade também é construída, não de forma fixa, mas num trabalho constante de negociação e significação.

Sabendo-se que a uma identidade não é uma sobreposição de eventos, mas a participação, experiência, e consciência constituem o processo de identificação, assim volta-se a indagação de uma sociolinguística vinculada às mudanças sociais, pois não é somente explicar a relação entre língua e sociedade, mas compreender o percurso histórico de uma comunidade, os processos de mudança, e as veiculações culturais da sociedade e da língua.

Bourdieu (1998) faz críticas ao modelo de pesquisa sociolinguística que se transforma no que ele chamou de ativismo. Não que o ativismo linguístico por si só seja ruim, já que este faz com que línguas sejam preservadas, haja uma luta contra as estruturas sociais de dominação e é um meio de afirmar a identidade e o status social. A questão subjaz num ativismo como o que ocorre nos estudos sociolinguísticos no Brasil (FREITAG, 2016), em que a pesquisa termina, muitas vezes, por se reverter em materiais didáticos ou tentativas de promover uma língua ou variedade, o que ajuda a perpetuar as desigualdades.

As colocações de Bourdieu (1998) deram origem ao que alguns estudiosos chamam de Sociolinguística Crítica, por entender-se que a linguagem reproduz as desigualdades sociais. A linguagem é um mecanismo usado para manifestar e reforçar as

diferenças socioculturais e as relações de poder, assim a sociolinguística crítica deve analisar a língua como prática social e analisar como essa prática evidencia as diferenças de classe, raça, gênero, sexualidade e outros fatores sociais.

Mas quanto à sociolinguística no Brasil, mesmo depois de mais de 50 anos de produções nessa área, Freitag (2016) afirma que esta se vincula em grande parte à coleta de *corpus* para os bancos de dados linguísticos, com amostras sistematicamente coletadas na sua maior proporção em comunidades de fala. A autora explica que a pesquisa foi por esse viés no país, muito provavelmente, devido ao modelo de pesquisa adotado, seguindo a estratificação de critérios sociodemográficos; e pela falta de financiamento de pesquisas nas universidades.

Mesmo com esses reducionismos, as pesquisas em sociolinguística e os esforços em aliar as pesquisas às reflexões e mudanças sociais, tem se ampliado, principalmente após às novas possibilidades de estudos na área terem chegado ao Brasil com as expectativas de uma pesquisa vinculada às novas formas de coleta e análise de dados.

Considerações finais

A Sociolinguística, enquanto ciência, percorreu um longo caminho e continua a oferecer grandes contribuições teóricas para sua consolidação como um ramo da ciência linguística. A proposição da língua como um fato social possibilitou a construção de teorias consistentes, que, por sua vez, deram respaldo para pesquisas que ampliaram o campo de estudo da área.

Assim, o objetivo deste trabalho foi apresentar a trajetória evolutiva dos estudos linguísticos e destacar as principais contribuições para o desenvolvimento do campo de estudos da Sociolinguística.

Os pressupostos teóricos e concepções discutidos mostraram o contexto histórico e as influências de cada período na construção da ciência linguística. O Romantismo (século XVIII até metade do século XIX), por exemplo, favoreceu estudos idealistas e a exaltação de determinadas línguas, especialmente as europeias. O Naturalismo (século XIX) foi usado para explicar características da língua relacionadas às regras da natureza. O Positivismo, que dominou os estudos no final do século XIX até mais da metade do século XX, forneceu as bases para o Estruturalismo. O Funcionalismo, que surgiu na linguística na Europa (a partir da década de 1920 e nos Estados Unidos a partir de 1960) abrangeu vários ramos de estudo, incluindo a sociolinguística.

Os estudos da língua relacionados aos fatores sociais desenvolveram-se mais produtivamente a partir da teoria de Labov, com o suporte de pesquisas que ampliaram os debates sobre língua, sociedade e cultura. Posteriormente, outros ramos da sociolinguística, como a sociolinguística, como os relacionados à interação social e à escolha de um estilo na variação, foram responsáveis por novas produções e novos debates teóricos. Esses ramos ampliaram seus campos de estudo, incluindo a sociologia, a filosofia, a antropologia, dentre outros.

Mas não foi apenas a partir de Labov que surgiu uma linguística preocupada com variação, mudança e fatores sociais; da mesma forma, a preocupação em definir um objeto e um sistema da língua não surgiu apenas com Saussure. As contribuições teóricas de outros autores, anteriores e contemporâneos a eles, também favoreceram o surgimento dessas áreas de estudos.

Neste trabalho, foram abordados temas relevantes na sociolinguística além da variação e mudança, como a educação escolarizada, a identidade linguística, as relações de poder e a ideia de pertencimento a um grupo com base no conceito de comunidade de prática e no uso da língua como um meio de exercer práticas sociais.

Esses são apenas alguns exemplos das diversas influências na construção do objeto teórico da sociolinguística. A pesquisa de linguistas e sociólogos amplia os debates e os campos de inclusão dessa ciência, como se observa mais recentemente na sociolinguística estilística, que aborda questões como lutas de classes, mudanças sociais, percepção das minorias sociais e o questionamento das estruturas de poder por meio dos conceitos de identidade e pertencimento.

A proposta aqui não é apenas apresentar o percurso histórico da sociolinguística, mas também fomentar o debate sobre os desdobramentos dessa linha de estudos. Pretendeu-se mostrar suas convergências e as diferentes abordagens metodológicas que se integram dentro do mesmo arcabouço de pesquisa. Por fim, busca-se refletir sobre como esse campo pode contribuir para a compreensão das estruturas sociais e do papel dos agentes no contexto da interação através da língua.

Retornando à Torre de Babel e à sua confusão de línguas, a tentativa de entender os fenômenos linguísticos e a necessidade de conhecê-los são aspectos que se entrelaçam com a história dos estudos sobre a língua. As descobertas e desenvolvimentos ao longo do tempo favoreceram estudos linguísticos que vão além do quadro descritivo, possibilitando reflexões

sobre os falantes e os fatores sociais que determinam, demarcam e separam, destacando a relevância do estudo das línguas em seu contexto histórico e sociocultural.

Referências

- BELINE, Ronald. A variação linguística. IN: FIORIN, José Luiz. Introdução à Linguística. 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1998.
- BRANDÃO, Cibele. Sociolinguística e teoria social: discutindo a relação. In: COSTA.C.S.S.M.: Olhares Sociolinguísticos: variação e interação, Teresina-PI, EDUFPI, 2011.
- CALVET, Jean-Louis. Sociolinguística: uma introdução crítica. São Paulo, Parábola, 4 ed. 2009.
- COSTA, C.S.S.M. Variação linguística e interdisciplinaridade: uma nova abordagem da linguagem e da educação. In: Olhos espriados: linguagem e literatura ao sol. LIMA, M.A.F; ALVES FILHO, F; CARVALHO, M.S.F. (org.). Teresina. Edição do autor, 2008.
- DURKHEIM, Émile. O que é um Facto Social? In: DURKHEIM, Émile. As Regras do Método Sociológico. Lisboa: Editorial Presença, 2004.
- ECKERT, Penelope. Third wave variationism. Oxford Handbooks Online, 2016a. Disponível em: <https://academic.oup.com/edited-volume/42051/chapter/355823612>. Acesso em: 02/01/2023.
- ECKERT, Penelope. Variation, meaning and social change. In: COUPLAND, Nikolas. (ed). Sociolinguistics: theoretical debates. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- ECKERT, Penelope. Meaning and linguistic variation: the third wave in sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press. 2018. Disponível em: https://librarylinguistics.files.wordpress.com/2019/04/meaning_and_linguistic_variatio.pdf. Acesso em: 10/10/2023.
- ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010.
- ECKERT, Penelope; WENGER, Étienne. What is the role of power in sociolinguistic variation? Journal of Sociolinguistics. Reino Unido, Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. *Sociolinguística no/do Brasil*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 58,n.3,p.445-460,2016.
- GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GUMPERZ, John J. “Convenções de contextualização”. In: RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. (org.). *Sociolinguística interacional*. 2 ed. São Paulo, 2002.
- HORA, Demerval da. *Elisão da vogal /A/ no falar pessoense: uma análise variacionista*. In: COSTA.C.S.S.M.: *Olhares Sociolinguísticos: variação e interação*, Teresina-PI, EDUFPI, 2011.
- LABOV, William. *Language in the inner city: Studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Philadelphia Press Cambridge University Press, 2006.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LAVE, J., WENGER. E. *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 1991.
- MARRA, D.; MILANI, S. E. Whitney, Saussure, Meillet e Labov: A Língua como um fato social. In: *Anais do SILEL*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 1.8 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MEILLET, Antoine. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Champion, 1982.
- RASTIER, François. Saussure e a ciência dos textos. In.: BOTA, Cristian (Org.). *O Projeto de Ferdinand de Saussure*. Fortaleza: Parole, 2014.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística geral*.27. Ed. São Paulo: Cultrix. 2006.
- TOURAINÉ, Alain. *Um novo paradigma para compreender o mundo hoje*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. São Paulo: Editora UnB, Imprensa Oficial, 2004
- WENGER, E. *Communities of practice: learning, meaning and identity*. CaMambridge, UK: Cambridge University, 1998.

WENGER, E. Communities of practice and social learning systems: the career of a concept. In Blackmore, C. (ed) Social Learning Systems and communities of practice. Springer Verlag and the Open University, 2010

WHITNEY, D. W. A vida da linguagem. Petrópolis, RJ: Vozes. 2010.